



# Leitura dialógica e responsividade para construção crítica do aluno a partir do gênero *tira em quadrinhos*

**Alixandra Guedes Rodrigues de Medeiros e Oliveira**

Doutoranda em Linguística

Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Paraíba, Brasil.

E-mail: [alixandragm@gmail.com](mailto:alixandragm@gmail.com)

É bolsista CAPES. Mestre em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (POSLE/UFCG).

 ORCID <http://orcid.org/0000-0001-5973-7283>

**Wilder Kleber Fernandes de Santana**

Doutorando em Linguística

Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Paraíba, Brasil.

E-mail: [wildersantana92@gmail.com](mailto:wildersantana92@gmail.com)

É bolsista CAPES. Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

 ORCID <https://orcid.org/0000-0001-7569-499X>

**Revista Falange Miúda**  
ISSN 2525-5169

**Periodicidade:**  
Fluxo contínuo

**Volume 5**  
**Número 1**

**Recebido em:** 02/01/20  
**Aprovado em:** 12/01/20

## Resumo

O presente trabalho objetiva formular uma proposta didática que comporte o uso do gênero 'tira em quadrinhos' em aulas de leitura. Para tanto, recorreremos às categorias bakhtinianas dialogismo e responsividade, caras ao pensamento de Bakhtin [2010, 2013, 2016];, Volóchinov (2017) e Medviédev (2016). A partir disso, presumimos que o uso do gênero "tira em quadrinhos" (e não apenas esse gênero), particularmente nas aulas de leitura, constitui-se como uma prática dialógico-discursiva por caracterizar-se como uma atividade crítica e social. Os resultados demonstraram que a perspectiva dialógica potencializa o senso crítico dos sujeitos para compreensão ativa do gênero tira em quadrinhos.

**Palavras-chave:** Dialogismo. Responsividade. Tira em quadrinhos.

## Palavras iniciais

Ao refletirmos sobre os pressupostos teórico-metodológicos que norteiam a construção de sentidos de leitura sob prisma da Análise Dialógica do Discurso, doravante ADD (BRAIT, 2005), defrontamo-nos com a necessidade de considerar o processo de ensino-aprendizagem não somente relacionado às descrições dos níveis linguísticos – constituintes do domínio da língua – ou às considerações que enfocam o produto final – no caso da escrita – mas sobretudo em como sentidos múltiplos vão sendo construídos a partir da interação dialógica entre os interlocutores (leitores e escritores), assim como as posições ocupadas pelos sujeitos em esferas sociais.

Recorremos, dessa maneira, às contribuições dos estudos oriundos da teoria dialógica do discurso (BAKHTIN [2010, 2013, 2016]; VOLOCHÍNOV [2017]), por entendermos que a leitura, sob perspectiva dialógico-discursiva, quando levada à sala de aula, contribuirá para a compreensão macro e micro dos discursos naturalizados na sociedade. A partir do instante em que são vistas como protagonistas a Linguagem, a Ideologia e a História, contribui-se para o desenvolvimento da responsabilidade por parte do sujeito aluno, e este é instigado a ter atitudes éticas diante das situações de preconceito e corrupção presentes no cotidiano social.

Mikhail Bakhtin foi um dos defensores de que a linguagem está fortemente relacionada ao aspecto social. Para o filósofo russo, a compreensão sobre a linguagem se dá pela relação entre os sujeitos, visto que o determina e o empodera em suas ações. A linguagem é um fenômeno sócio-histórico e, por isso, ideológico, empregado para reafirmar e estabelecer poderes. É através da interação verbal atrelada à situação social, ampla e imediata que se constitui a realidade da língua, a produção da linguagem e a constituição dos sujeitos, por meio das marcas discursivas instala-se a heterogeneidade linguística.

Importa ressaltar que partimos da premissa básica de que todo e qualquer tipo de enunciados que produzimos está ligado a um campo específico do saber, e cada modalidade comunicativa constitui um gênero do discurso (BAKHTIN, 2011), os quais são classificados como *tipos de enunciados que possuem relativa estabilidade*.

A partir disso, presumimos que o uso do gênero “tira em quadrinhos” (e não apenas esse gênero), particularmente nas aulas de leitura, constitui-se como uma prática dialógico-discursiva por caracterizar-se como uma atividade crítica e social, dado que este gênero desperta a atenção do aluno e os seus recursos verbo-visuais, responsáveis pela construção dos sentidos. As tiras em quadrinhos, comumente conhecidas como tirinhas, conduzem à leitura e à compreensão do mundo e das diversas práticas discursivas existentes. Diante desse cenário, levantamos a seguinte questão-problema: como uma abordagem do gênero “tira em quadrinhos”, em âmbito de planejamento, pode contribuir para o ensino-aprendizagem de leituras discursivas e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da responsabilidade nos alunos?

Diante dessa problemática, nosso objetivo geral é formular uma proposta didática que comporta o uso do gênero “tira em quadrinhos” em aulas de leitura. Constituem nossos objetivos específicos a) propor o uso do gênero discursivo “tira em quadrinhos” em sala de aula, com o intuito de promover a responsividade dos alunos, por meios de leituras discursivo-reflexivas e b) fomentar discussões que aproximem a didática da língua às situações sociais/reaís de uso da linguagem, uma vez que as práticas de ensino necessitam priorizar a materialidade linguística enquanto contextualizada, banhada pelos acontecimentos sócio-históricos.

O trabalho com a língua sob a perspectiva discursiva em sala de aula é relevante, em virtude de conduzir os alunos à observação das manifestações do sujeito social e do emprego do discurso nas várias esferas discursivas sociais, estimulando a produção de sentidos críticos e promovendo o contato com os inúmeros gêneros que circulam no âmbito social. Nesta seara de diversidade, o gênero tira em quadrinhos nasce envolto pelos gêneros charge e cartum, o que nas palavras de Ramos (2009, p. 357) pode ser compreendido como um campo maior, “um hipergênero chamado quadrinhos, que abriga diferentes gêneros autônomos, unidos por elementos comuns”.

Neste cenário, a tira em quadrinhos evidencia em sua verbo-visualidade toda uma carga significativa, exigindo do seu leitor – professores e leitores em contexto de sala de aula– que seja realizada uma leitura atenta, ancorada em subsídios extratextuais. A partir disso, consideramos a sua relevância na qualidade de ferramenta no fazer didático-pedagógico para o desenvolvimento e aprofundamento da competência leitora, bem como para a conscientização para as atitudes responsivas por parte do sujeito-aluno-leitor.

Salientamos que elaboramos esta proposta didática pensando os alunos do 1º ano do Ensino Médio, contudo, a depender das realidades que configuram as várias salas de aula, poderá ser trabalhada em outras séries e, até mesmo, em outros níveis do ensino de Língua Portuguesa.

Concordamos, contanto, com a premissa bakhtiniana de que o sujeito é inerentemente dialógico (2011), constituindo-se enquanto um ser responsivo frente aos vários fenômenos ocorridos no âmbito social, de maneira que as práticas de leitura dialógica corroboram para a realização do ato responsável/responsivo. Assim, considerando que o fato linguístico deve ser observado enquanto objeto de uma dada esfera social, selecionamos seis tiras em quadrinhos, que abordam temáticas como o racismo, o machismo e a democracia, de cartunistas/ilustradores diversos, tais como Alexandre Beck, Junião e Adão Iturrusgarai, para compor nossa proposta didática.

## **1. Breves teceres sobre responsividade e leitura**

A Análise Dialógica do Discurso postula que devemos compreender a língua como um resultado inacabado da vida verbal (e extraverbal) em contextos determinados de interação e comunicação. Bakhtin (2011, p. 410) nos esclarece que “não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites); não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo”. Dessa maneira, é a esse devir constante da linguagem que os estudos dialógicos denominam dialogismo ou concepção dialógica da linguagem.

De acordo com as reflexões propostas por Sobral (2009, p.35-37), existem três planos distintos para que a compreensão sobre o conceito de dialogismo seja efetivada: no primeiro plano, o autor aponta que é o dialogismo que designa a condição de ser e agir dos sujeitos, considerando o sujeito para além de seu aspecto biológico, pois este só existiria no processo de interação com o outro.

No segundo plano, vemos a condição de possibilidade do dizer, na qual pode-se compreender que os sentidos são gerados no interior das interações que já foram produzidas e daquelas que virão a se concretizar. Por último, no terceiro plano evidencia-se que o dialogismo é a base que fomenta a produção de enunciados e discursos, uma vez que, até mesmo quando há um nível baixo interação (monólogo) ocorre dialogicidade, pois a simples menção a uma verdade anterior já é fonte de um dizer posterior. Sendo assim, entendemos junto a Bakhtin (2011), que dialogismo remete a um trio no qual além do autor/falante e do leitor/ouvinte, há vozes que perpassam a palavra encontrada anteriormente pelo autor.

Nesta perspectiva, a língua “passa a integrar a vida através dos enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2011, p. 265). Em sua trajetória dialógica, o enunciado elenca como partes constituintes um *projeto enunciativo* (a intenção do dizer), um *autor* (o sujeito social) e uma *efetivação* (a execução do projeto por parte do sujeito que o idealizou). Ao considerarmos esse tripé constitutivo do enunciado, torna-se possível a percepção do mesmo como uma criação da interação social, “tanto a mais próxima, determinada pela situação da fala, quanto a mais distante, definida por todo o conjunto das condições dessa coletividade falante” (VOLCHÍNOV, 2017, p. 216), de modo que compreendemos que o enunciado é (sempre) formulado por um eu em relação com o(s) seu(s) outro(s), objetivando uma resposta.

Assim, o enunciado denota uma natureza responsiva, dado que toda compreensão anseia por uma resposta e é essa circunstância que torna cada enunciado em um elo na corrente da interação discursiva de outros enunciados (BAKHTIN, 2011, p. 272). Dessa forma, percebemos que se manifesta na natureza ativamente responsiva do enunciado a condição ética conclamada por Bakhtin, pois para o filósofo da linguagem, estamos em constante interação uns com os outros, arvorando-nos num infinito processo que não surge de nossas próprias consciências e sim dos diversos contatos axiológicos situados sócio-historicamente.

Dessa relação interativa contínua, Bakhtin elaborou o conceito de responsividade, uma vez que na existência dos sujeitos e na condição irrevogável existente entre o ato de responder e o ato de responsabilizar-se pelo que foi dito, do lugar único que o sujeito ocupa apenas ele pode dar acabamento e assinatura às ações empreendidas, de modo que é este assinar que gera a possibilidade de resposta. A partir da compreensão do sujeito frente ao que foi dito é que se dá a (re)ação, já que

O ato responsável é, precisamente, o ato baseado no reconhecimento desta obrigatória singularidade. É essa afirmação do *meu não-álibi no existir* que constitui a base da existência sendo dada como sendo também real e forçosamente projetada como algo ainda por ser alcançado (BAKHTIN, 2010, p.99) (Grifo do autor).

Respaldado nos estudos do filósofo soviético, Santana (2017) pontua que a responsividade é uma das categorias utilizadas por Bakhtin, inicialmente acerca do Ato e dos atos humanos [em processo], e sobre sua linguagem em esferas de produção do discurso vivo, o qual classifica como necessário à condição concreta da vida. “Em cada momento concreto da formação discursiva, os enunciados são estetificados em camadas socioideológicas, ou seja, manifestam-se através da história e da memória cultural (processo de estetificação)” (SANTANA, 2017, p. 237).

Logo, colocar-se responsivamente exige assumir para si e para o outro um comportamento de resposta e de responsabilidade ética, posto que o lugar ocupado pelo “eu” é singular e único, porque “ser realmente na vida significa agir, é não ser indiferente ao todo na sua singularidade” (BAKHTIN, 2010. p. 99), participando efetivamente da vida social, por meio da língua viva. Na compreensão de Bakhtin, a língua deve ser

(...) ideologicamente preenchida, a língua enquanto cosmovisão e até como uma opinião concreta que assegura um *maximum* de compreensão mútua em todos os campos da vida ideológica. Por isso a língua nunca exprime as forças da unificação verboideológica concreta e da centralização que ocorre numa relação indissolúvel com os processos de centralização sociopolítica e cultural (BAKHTIN, 2015, p. 40, grifos do autor).

Nesse direcionamento, Lira et al (2017, p. 139), em trabalho intitulado *Responsividade e axiologia no gênero charge: uma proposta de compreensão a partir de Bakhtin e o círculo*, formulam que “a responsividade consiste no agir ético em que o sujeito se responsabiliza pelo que enuncia, permitindo-se ser claro ao(s) outro(s), e tal sujeito se insere na história enquanto agente racionalmente ativo”. Esclarecem, ainda, que o acontecimento pleno da compreensão responsiva-ativa se dá na concretude do dialogismo, em que as construções entre enunciados são situadas historicamente, “revestidas por forças centrífugas e centrípetas que lhe dão significação e sentido(s)” (2017, p. 139).

No tocante à leitura em cenário discursivo, esta assume uma posição de notoriedade no transcurso da compreensão de textos e, por isso, deve – ou deveria – estar pautada numa concepção de linguagem enquanto interação. A década de 1970 marca movimentos de adesões a uma perspectiva de estudos da linguagem cujo foco era o rompimento com o paradigma estruturalista, considerando substancial aos estudos linguísticos a consideração do contexto para que ocorra uma compreensão mais eficaz dos significados, dos usos e dos sentidos veiculados nas diversas situações comunicativas.

Partindo de uma concepção ideológica da linguagem e do sujeito, Foucambert (1994) reflete sobre a pedagogia da leitura e questiona os modelos ascendente, descendente e interativo de leitura. Para o autor, ao assumirmos uma posição ideológica de linguagem não implica negar que no ato da leitura acontecem correspondências grafo-fonêmicas e nem que o leitor precisa levantar hipóteses e presumidos sobre a escritura. Dessa maneira, só é possível conceber um trabalho de leitura enquanto um processo de imersão nas práticas sociais escritas, num processo de trocas comunicativas e expansão das relações entre as produções sociais e o mundo real.

Segundo Foucambert (1994), o leitor busca por significados, já que as atividades de percepção dependem das atividades de tratamento semântico, sendo necessário ao leitor estar inserido num grupo social para que a construção dos sentidos ocorra tanto através dos elementos previamente construídos quanto por meio daqueles decorrentes do encontro texto-leitor. O autor defende ainda que a educação seja pensada como uma problemática sociocultural, tornando-se um espaço no qual a criação, a crítica, a negação e a alteração ocorram mutuamente. A leitura seria, portanto, um aprendizado social, figurando como instrumento de conscientização e de transformações das relações de poder estabelecidas na sociedade.

Seguindo por outro caminho, Barthes (2004) postula que nenhum discurso é neutro, dada a natureza ideológica da linguagem e, por isso, a subjetividade do leitor precisa ser considerada no percurso de leitura. Neste panorama, não existem leituras neutras ou inocentes, uma vez que quando se lê, dá-se a modificação da substância do texto, remodelando a própria escrita, pois quando um texto é lido um outro texto é construído, em vez de uma reprodução do que já está posto.

Sob esta ótica, ocorre um diálogo tecido pela leitura, derivado do hibridismo cultural, fator condicionante do ato de ler. Dessa forma, o texto seria de múltiplas escrituras, que dialogam entre si, nas formas de paródias, paráfrases, contestações; contudo, há um ponto no qual toda essa multiplicidade se reúne: o leitor. O leitor, elucida Barthes (2004, p. 64), é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem perdas, todas as citações de que é feita uma escritura. Assim, a leitura configura-se como uma proposição existencial, dado que “ler é fazer o nosso corpo trabalhar (sabe-se desde a psicanálise que o corpo excede em muito nossa memória e nossa consciência)

ao apelo dos signos do texto, de todas as linguagens que o atravessam e que formam como que a profundidade achamalhada das frases” (BARTHES, 2004, p, 29).

Concebida como um ato dialógico, interlocutivo, a linguagem demanda a interação dialógica entre o texto e o leitor, resultando na produção dos sentidos. Interpretar, então, implica uma postura responsiva, realizada por um sujeito situado, num dado cronotopo. Assim, para Bakhtin e o Círculo<sup>1</sup>, a palavra enquanto signo ideológico é social e tida como central para a constituição dos sujeitos, uma vez que é o material privilegiado da comunicação e o material semiótico da vida interior. Dessa forma, o ato de ler se não for considerado no contexto social no qual o sujeito está inserido torna-se obscuro e inacabado, já que todos os nossos pensamentos são engendrados pelos signos ideológicos refletidos e refratados no curso das interações verbais.

Nos termos de Almeida (2013, p. 11) “ler é um processo interativo de cruzamento de diversas e variadas vozes que interagem para construir o sentido”, afastando-se do modelo mecânico, do aspecto de rotina, conduzindo o leitor à assimilação de comportamentos sociais e axiologias. Desse modo, compreender requer relacionar o signo com a situação na qual ele se forma, pois nesta encontramos a totalidade dos fenômenos que constituem a experiência exterior, colaborando para o esclarecimento do signo interior.

Para os estudos dialógicos, a compreensão não é um ato solitário do sujeito e sim uma forma de diálogo, um efeito de interação e de construção de sentidos, em que o sujeito-autor, o sujeito-leitor e o texto correlacionam-se ativamente, tendo a palavra como produto vivo das interações das forças sociais. Sob esse prisma, a leitura é caracterizada como sendo uma situação de interação verbal e, como tal, presume o diálogo vivo entre os sujeitos. Logo, compreender é adotar para si uma postura ativa e responsiva em relação ao texto, assumindo um posicionamento de adesão ou discordância.

A concepção dialógica, formulada por Bakhtin (2016) e seu Círculo de estudiosos da linguagem, traz ênfase ao papel ativo do leitor, às relações dialógicas – nas quais o texto que se tem em mãos estabelece diálogos com os outros que o precederam e abre possibilidades aos que estão por vir. Assim, “a prática de leitura torna-se um momento de encontros e desencontros, dos movimentos de diferentes olhares e das múltiplas vozes dos interlocutores, no diálogo entre o dito e o que fica por dizer no texto” (ALMEIDA, 2013, p. 31).

## 2. Uma proposta didática de leitura dialógica

---

<sup>1</sup> A expressão “Círculo de Bakhtin”, se refere a um grupo de intelectuais que se reuniu com frequência entre 1919 e 1929 em cidades russas, como Nevel, Vitebsk e São Petersburgo para debater sobre ideias e propostas filosóficas. Dentre eles, Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Volochinov e Pavel N. Medvedev.

O gênero tira em quadrinhos manifesta algumas características que são recorrentes em sua construção, independente do tema trabalhado. São elas: 1. Predomínio da sequência narrativa; 2. A presença de personagens fixos, ou não; 3. A narrativa pode ocorrer em um ou mais quadrinhos, depende da demanda da indústria cultural; 4. Em muitos casos, o rótulo, o título e o veículo de publicação servem de indícios para a leitura; 5. A linguagem visual é predominante e 6. O formato retangular. Para Ramos (2009), existem as tiras cômicas, conhecidas popularmente como tiras em quadrinhos e que são as mais veiculadas em jornais nacionais, abordando acontecimentos pontuais da sociedade, e há as tiras seriadas, narrando histórias à semelhança do folhetim.

Baseada principalmente no humor, a tira em quadrinhos aborda um discurso inofensivo que indica a intenção de provocar a reflexão sobre acontecimentos sociais, bem como criticá-los e/ou satirizá-los. O autor da tira, em seu processo de produção, pretende estabelecer uma ligação com seus leitores para que estes possam posicionar-se de maneira crítica frente ao que está sendo materializado. Com isso, é preciso compreender o conteúdo historicamente instaurado, sendo necessário compartilhar do contexto no qual a temática se inscreve, posto que a leitura discursiva extrapola os elementos verbo-visuais que compõem a tira, pois o discurso é um meio difusor de ideologias e representações identitárias.

No âmbito escolar, as concepções de ensino e de língua selecionadas pelo professor são determinantes para o planejamento das aulas, para o seu aprimoramento profissional e para o processo executivo das aulas, configurando-as em elementos de significação, elos com a realidade sociocultural dos alunos. Por conseguinte, a reflexão sobre a formação do professor – seja inicial ou continuada – implica pensar sobre os fatos sociais concretos que permeiam a prática cotidiana de sala de aula, com o objetivo de identificar possíveis problemas e, sobremaneira, indicar possibilidades que venham a colaborar para o desenvolvimento das aulas.

Imbuídos dessa necessidade em contribuir com o processo de leitura em sala de aula, evocamos a questão dos gêneros discursivos atrelados à postura dialógica de encarar a língua por acreditarmos ser o professor o sujeito a ser contemplado, já que o uso social dos gêneros discursivos em sala de aula configura-se como um ferramental de reflexão na transposição didática, o que, para nós, justifica esta breve contextualização, com vistas a contribuir com a formação do sujeito-professor, enquanto sujeito consciente de seu lugar social, único e singular, e, portanto, agente ativo e responsivo na mediação das situações de leitura e escrita.

#### Objetivos gerais

- ✓ Estimular leituras discursivas do gênero tira em quadrinhos
- ✓ Oportunizar a análise do uso da linguagem verbo-visual, dando destaque aos discursos que tratam do preconceito racial, do machismo e da democracia.

1º Encontro (02 aulas)

Tiras a serem utilizadas no encontro:

### Tira 01: Não sou preconceituoso



Fonte: <http://mentirinhas.com.br/mentirinhas-596/> Acesso em: 20/07/2018

### Tira 02: Pretinho

**Dona Isaura**



Disponível em: <http://www.juniao.com.br/tira-dona-isaura-pretinho-juniao/>. Acesso em: 20/07/2018

### Tira 03: Armandinho e o preconceito



Disponível em: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho>. Acesso em: 20/07/2018

### Tira 04: Virei negro!



Disponível em: <http://tirasemquadrinhos.blogspot.com/>. Acesso em: 20/07/2018

✓ **Conteúdo:**

Contextualização do gênero tira em quadrinhos; Características da tira a partir de leituras discursivas; Texto de apoio sobre o percurso de origem e circulação da tira.

✓ **Objetivo:**

Polemizar sobre a tira, focando em sua existência e função no âmbito social. Entender as características do gênero, a partir das leituras das tiras selecionadas. Debater sobre o preconceito racial materializado nas tiras.

✓ **Descrição das atividades:**

- Direcionar os alunos a se constituírem sobre suas experiências de leitura de tiras, de maneira que sejam expostos seus conhecimentos prévios relativos a este gênero discursivo. Mediar a discussão em sala.
- Apresentar as tiras 1 e 2, evidenciando as características deste gênero: formato das tiras, tipo de traço do autor, escolha da letra e uso de sinais de pontuação, palheta de cores.
- Leitura do gênero canção “A carne”, de Elza Soares, para favorecer a reflexão sobre o racismo (Disponível em <https://www.lettras.mus.br/elza-soares/281242/>).
- Estimular leituras discursivas que viabilizem aos alunos a compreensão do discurso sobre o racismo instaurados nas tiras, o uso da linguagem, a questão da autoria das tiras, sua circulação social, a presença e a postura dos sujeitos sociais nelas representados, o contexto sócio-histórico do negro na sociedade brasileira para construção dos sentidos, a responsividade do sujeito-aluno-cidadão.
  - Apresentar as tiras 3 e 4, evidenciando a temática abordada. Conduzir à percepção acerca do processo de materialização do tema pelos autores das tiras.
  - Suscitar os alunos à reflexão sobre a prática de racismo como uma das formas de antidemocracia.
  - Averiguar a apreensão do conteúdo da aula por meio do desenvolvimento de uma atividade escrita (gênero relato) na qual os alunos façam apontamentos sobre suas experiências de leituras de tiras, as características do gênero, a circulação na sociedade e função social.

✓ **Metodologia:**

Aulas expositivo-dialogadas que possibilitem a interação entre professor e alunos.

✓ **Materiais utilizados:**

Quadro branco, pincel para quadro branco, xerocópias dos textos motivadores e da atividade.

Tiras a serem utilizadas no encontro:

### Tira 05: Simpatia pra pegar mulher



Disponível em: <https://www.iturrusgarai.com/comicsquadrinhos>. Acesso em: 20/07/2018

### Tira 06: Dar o próximo passo



Disponível em: <http://www.marcianeurotica.com.br/>. Acesso em: 20/07/2018

### Tira 07: Dificuldade com o empoderamento



Disponível em: <http://todosnegrosdomundo.com.br/>. Acesso em: 20/07/2018

### Tira 08: Hereditário



Disponível em:

<https://www.facebook.com/tirasarmandinho>. Acesso em: 20/07/2018

- ✓ **Conteúdo:** Leitura discursiva das tiras.
- ✓ **Objetivo:** Esquadrinhar a leitura discursiva do gênero tira em quadrinhos.
- ✓ **Descrição das atividades:**
  - Demandar a leitura discursiva das tiras 5 e 6, estimulando os alunos a exporem suas opiniões sobre o conteúdo, a temática do machismo presente nas tiras, de forma que socializem as impressões construídas, após as leituras realizadas, considerando conhecimentos prévios adquiridos no contexto sócio-histórico cultural no qual estamos inseridos.
  - Apresentar o infográfico “Dados do machismo no Brasil”, para incitar o debate sobre as desigualdades econômicas sofridas pelas mulheres na sociedade brasileira. (Disponível em: <https://saudavelefeliz.com/machismo-015/>).
  - Demandar a leitura das tiras 7 e 8, evidenciando a temática abordada. Conduzir à percepção acerca do processo de materialização do tema pelos autores das tiras.
  - Aguçar os alunos à reflexão crítica – por meio de atividade escrita (gênero resumo crítico) – sobre a presença e postura dos sujeitos sociais nas tiras; sobre as escolhas linguísticas; a constituição verbo-visual das tiras e os sentidos produzidos e cristalizados; a função social do gênero.
- ✓ **Metodologia:** Aulas expositivo-dialogadas que possibilitem a interação entre professor e alunos.
- ✓ **Materiais utilizados:** quadro branco, pincel para quadro branco, xerocópias dos textos motivadores e da atividade.

3º Encontro (02 aulas)

Tiras a serem utilizadas no encontro:

### Tira 09: Nossa democracia



### Tira 10: O que é bom para elas!



Disponível em: <https://www.google.com/> Acesso em: 20/07/2018

### Tira 11: Volta da democracia



Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/fotos/2010/04/tirinhas-rei-emir.html>. Acesso em: 20/07/2018

- **Conteúdo:** Leitura discursiva das tiras e reflexão sobre os temas abordados anteriormente.
- **Objetivo:** Aprofundar a leitura discursiva do gênero tira em quadrinhos.
- **Descrição das atividades:**
- Requisitar a leitura discursiva das tiras 9 e 10, conduzindo os alunos à percepção de que o preconceito racial e o machismo são formas de enfraquecimento da democracia.
- Apresentar a tira 11, evidenciando a temática abordada. Conduzir à percepção acerca do processo de materialização do tema pelos autores das tiras.
- Fomentar à reflexão crítica sobre responsabilidade ética e o exercício da democracia no que concerne a todos os sujeitos sociais, refletindo sobre os valores culturais e os hábitos linguísticos (crystalização de discursos sociais) dos grupos sociais.
- Expor o vídeo “O que é Social Democracia?” para embasar o conceito de democracia (<https://www.youtube.com/watch?v=4BKHlwaHnkc>).
- Promover o debate, em sala, acerca das ações cotidianas que contribuem para o esgotamento da democracia.

- Solicitar, por meio de atividade escrita (gênero comentário crítico), a análise acerca do imbricamento das temáticas veiculadas nas tiras, analisando as atitudes de racismo e machismo como formas de debilitar a democracia.
- ✓ **Metodologia:** Aulas expositivo-dialogadas que possibilitem a interação entre professor e alunos.
- ✓ **Materiais utilizados:** quadro branco, pincel para quadro branco, xerocópias dos textos motivadores e da atividade.

Frente à presente proposta, reafirmarmos que a utilização do gênero tira em quadrinhos nas aulas de leitura propicia o desenvolvimento de competências leitoras, visto que fomenta relações entre a materialidade verbo-visual e os conhecimentos prévios do sujeito-aluno, também estabelece a relação autor-texto-leitor com vistas à apreensão das relações discursivo-dialógicas ali encerradas. Defendemos a concepção de que o espaço das aulas de língua materna deve proporcionar aos alunos o contato com a língua viva, em situação real de uso, por meio dos gêneros discursivos e não apenas voltar-se ao ensino descontextualizado de gramática, ou de produção e leitura textuais como atividades de segunda categoria, na maioria das vezes, descontextualizado.

Assim, a proposta apresentada almeja oportunizar a professores e alunos discussões sobre a língua viva, sobre o ensino de língua materna aproximando-a dos fenômenos reais da linguagem, ocorridos na sociedade, por meio das situações de interação verbo-social. Assim, sugerimos que a mesma seja tomada como um ponto de partida, e não como um modelo estanque, dado que a nossa intenção é viabilizar uma possibilidade metodológica para o ensino de leitura nas aulas de Língua Portuguesa, tendo por norte os estudos dialógicos da linguagem.

## Considerações finais

Nossa intenção neste artigo foi a de veicular uma proposta didática de trabalho, nas aulas de leitura, a partir do gênero tira em quadrinhos, tendo por pretensão contribuir com o ensino de Língua Portuguesa, por acreditarmos que o gênero escolhido, sob horizontes da Análise Dialógica do Discurso, viabiliza o desdobramento da criticidade dos alunos diante dos acontecimentos sociais materializados pela linguagem. Nosso propósito ratifica a questão-problema formulada: como uma abordagem do gênero tira em quadrinhos, em âmbito de planejamento, pode contribuir para o ensino-aprendizagem de leituras discursivas e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da responsividade nos alunos?

A contribuição passa a existir ao passo que nós, na função social de sujeitos professores, consideramos o gênero tira como parte do ferramental pedagógico e reconhecemos sua relevância para o percurso de ensino e aprendizagem, uma vez que sua compreensão é possibilitada pela mobilização dos saberes prévios dos alunos, mediada pelo próprio texto, trajeto no qual o aluno passa a estabelecer elos

entre os aspectos veiculados pelo desenhista (autor), com suas próprias experiências enquanto sujeito social situado e a construção dos sentidos.

Creemos, assim, que é oportunizado ao aluno a reflexão discursiva e dialógica sobre a língua e a sociedade através dos sentidos materializados, que são conseguidos na correlação entre os discursos histórico-culturais, perpassados pelo humor e pela crítica. Ressaltamos, ainda, que o sujeito-aluno é conduzido a voltar sua atenção para a verbo-visualidade das tiras, atentando para os aspectos visuais que também viabilizam o espaço histórico-social e ideológico em que o autor se insere e sobre o qual produz sua reflexão.

No que tange aos resultados, por se tratar de uma proposta didática, nosso trabalho assiste às discussões a respeito da relação entre teorias discursivas e o ensino de língua materna, sob o prisma de contribuir para a formação de professores do Ensino Médio, cada vez mais reflexivos, críticos, ativos e responsivos, ao mesmo tempo que visa oportunizar a criação de um ambiente de aprendizagem pautado na reflexão dos usos da língua(gem) com vistas à formação do sujeito-aluno enquanto cidadão consciente e responsivo – eis o que delinea a prática de leituras discursivas de gêneros discursivos, leituras que aspiram à politização, à emancipação e ao desenvolvimento da competência leitora.

## Referências

- ALMEIDA, M. F. *O desafio de ler e escrever na escola: experiências com formação docente*. João Pessoa: Ideia, 2013.
- BAKHTIN, M. M. *Para uma filosofia do Ato Responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Nota da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, M. M. *Teoria do romance I: a estilística*. Trad./prefácio Paulo Bezerra. São Paulo: Contexto, 2015.
- BARTHES, R. *O grão da voz: entrevistas*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- FOUCAMBERT, J. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 157p.
- LIRA, D. M; GUEDES, K. C; SANTANA, W.K.F. Responsividade e axiologia no gênero charge: uma proposta de compreensão a partir de Bakhtin e o círculo. In: SILVA (et.al) (Orgs). *Relações dialógicas e(m) campos da comunicação discursiva – teoria, análise e questões de ensino*. João Pessoa: Ideia, 2017. 133-150pp.
- RAMOS, P. *História em quadrinhos: gênero ou hipergênero?*. Estudos Linguísticos. São Paulo. Set.-Dez., 2009. p. 355-367. Disponível em: [http://gel.locaweb.com.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL\\_V38N3\\_28.pdf](http://gel.locaweb.com.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N3_28.pdf). Acesso em: 11 de mai. 2018.
- SANTANA, W. K. F. Heterodiscursividade e Axiologia no primeiro capítulo do Cântico Dos Cânticos. In: *SINALP - Simpósio Nacional de Literatura Popular. Cultura Popular e Cosmopolitismo - Simpósio Nacional de Literatura Popular*. Joao Pessoa: Mídia Editora, 2017. v. 1, p. 6-247.
- SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas - SP: Mercado de Letras, 2009.
- VOLOCHÍNOV. V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

# Dialogic reading and responsiveness for critical construction of the student from the *comic strip* genre

**Revista Falange Miúda**  
ISSN 2525-5169

**Periodicity:**  
Fluxo contínuo

**Volume 4**  
**Number 2**

**Received in:** 02/01/20  
**Approved in:** 12/01/20

**Abstract:**

The present paper aims to formulate a didactic proposal that includes the use of the comic strip genre in reading classes. To this end, we resort to the bakhtinian categories dialogism and responsiveness, dear to the thinking of Bakhtin [2010, 2013, 2016];, Volóchinov (2017) e Medviédev (2016). From this, we assume that the use of the comic strip genre (and not just this genre), particularly in reading classes, constitutes a dialogic-discursive practice because it is characterized as a critical and social activity. The results showed that the dialogical perspective enhances the critical sense of the subjects for active understanding of the comic strip genre.

**Keywords:** Dialogism. Responsiveness. Comic strip.